

DESMISTIFICANDO A EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO BIOLÓGICA NAS AULAS DE BIOLOGIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

EXPERIENCE REPORT: DEMYSTIFYING SEXUAL EDUCATION – A PROPOSAL FOR BIOLOGICAL LITERACY IN BASIC EDUCATION BIOLOGY CLASSES

Rita de Cássia Oliveira da Silva¹, Maria Danielle Araújo Mota²

Recebido: Junho/2024 - Aprovado: Novembro/2025

RESUMO: A disciplina de Biologia tem papel essencial na Educação Básica, contribuindo para a formação científica, social e cultural dos estudantes. Dentre os temas abordados, destaca-se a Educação Sexual, geralmente tratada de forma higienista e preventiva. Este relato de experiência busca relatar as possibilidades e desafios do ensino de Educação Sexual no contexto das aulas de Biologia, explorando seu potencial como ferramenta para a Alfabetização Biológica. A experiência ocorreu em uma Escola Estadual de Referência no Ensino Médio, na região metropolitana do Recife, no segundo semestre de 2024, com estudantes do terceiro ano. A atividade aconteceu em dois momentos: elaboração da “Caixa da Educação Sexual” e aplicação de uma Sequência Didática (SD) sobre métodos contraceptivos em quatro aulas de 50 minutos. A coleta de dados ocorreu por meio da observação e diário de formação durante a SD. Esta foi estruturada nos três momentos pedagógicos: problematização (introdução contextualizada), organização do conhecimento (aula expositiva dialogada sobre métodos contraceptivos) e aplicação (reflexões sobre o uso e implicações sociais). Os resultados foram organizados em duas etapas: planejamento e aplicação da sequência. Constatou-se que os estudantes desenvolveram postura crítica sobre sexualidade, integrando conhecimentos científicos ao contexto sociocultural, fortalecendo a Alfabetização Biológica e promovendo um ensino mais contextualizado.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Biologia; Educação Sexual; Sequência Didática.

ABSTRACT: Biology plays an essential role in Basic Education, contributing to the scientific, social, and cultural development of students. Among the topics covered, Sexual Education stands out, generally treated in a hygienic and preventive manner. This experience report seeks to describe the possibilities and challenges of teaching Sexual Education in the context of Biology classes, exploring its potential as a tool for Biological Literacy. The experience took place in a State Reference High School, in the metropolitan region of Recife, in the second semester of 2024, with third-year students.

- 1 <https://orcid.org/0009-0005-6264-1297>, Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE), Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, Brasil. E-mail: rita.cassiaoliveira@ufrpe.br.
- 2 <https://orcid.org/0000-0001-7305-6476>, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará(UFC). Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: danielle.araujom@ufrpe.br.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



The activity took place in two moments: elaboration of the “Sexual Education Box” and application of a Didactic Sequence (DS) on contraceptive methods in four 50-minute classes. Data collection took place through observation and training diary during the DS. This was structured in three pedagogical moments: problematization (contextualized introduction), organization of knowledge (expository dialogued class on contraceptive methods), and application (reflections on use and social implications). The results were organized into two stages: planning and application of the sequence. It was found that students developed a critical stance on sexuality, integrating scientific knowledge into the sociocultural context, strengthening Biological Literacy and promoting more contextualized teaching.

KEYWORDS: Biology Teaching; Sexual Education; Didactic Sequence.

1 Introdução

A disciplina de Biologia desempenha um papel fundamental na matriz curricular da Educação Básica, pois não apenas pode permitir que os estudantes compreendam os fenômenos da vida, mas também pode promover a reflexão crítica em relação à sociedade. Nesse sentido, a abordagem adotada pelo professor é determinante para despertar o interesse dos estudantes pela Biologia ou, ao contrário, fazê-los enxergá-la como algo insignificante (Krasilchik, p. 11, 2004). Ou seja, os estudantes podem ter a ideia equivocada de que a Biologia é só mais um componente obrigatório do currículo e sem valor.

Apesar de a Biologia ser uma disciplina de grande relevância para a vida dos estudantes, os professores enfrentam desafios ao relacionar conceitos científicos abstratos com o senso comum que os discentes trazem para a sala de aula (Marandino; Selles; Ferreira, 2009). Essa dificuldade pode comprometer a compreensão dos conteúdos, impactando os processos de ensino e de aprendizagem e reduzindo o interesse e o encantamento dos estudantes pela Biologia (Krasilchik, 2004).

Dessa maneira, é essencial que os conceitos de Biologia sejam apresentados de forma que se conectem ao cotidiano dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo. Nessa perspectiva, Sasseron e Carvalho (2008) sugerem que as aulas ministradas no campo da Educação em Ciências devem seguir a perspectiva da Alfabetização Científica, garantindo que os estudantes não apenas compreendam os conteúdos científicos, mas também sejam capazes de aplicá-los em situações do dia a dia.

Além disso, a disciplina de Biologia deve articular os conceitos científicos com questões sociais, garantindo um diálogo com o contexto em que os estudantes estão inseridos (Selles; Ferreira, 2005).

Nesse sentido, a Educação Sexual foi inicialmente proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como um tema transversal (Brasil, 1998), com o objetivo de ampliar o debate sobre questões sociais no ambiente escolar. No entanto, devido à falta de tempo e à escassez de profissionais capacitados, muitos desses temas, incluindo a Educação Sexual, deixaram de ser abordados de forma efetiva nas aulas (Furlani, 2008).



Durante a participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP) com turmas do Ensino Médio, observou-se a necessidade urgente de abordar a Educação Sexual na Educação Básica. Segundo Figueiró (2020), essa etapa escolar é marcada pelo início precoce da vida sexual para muitos estudantes, que frequentemente recorrem a fontes inadequadas de informação, o que pode impactar negativamente em suas vidas adultas. Isso reforça a importância de fornecer conhecimentos científicos adequados sobre sexualidade nas aulas de Biologia.

Entretanto, conforme Figueiró (2009), ainda há dificuldades para trabalhar a Educação Sexual nas escolas, mesmo no contexto das aulas de Biologia, pois esse tema recebe pouca atenção na matriz curricular da disciplina. Com a obrigatoriedade da abordagem de temas contemporâneos transversais estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), os conteúdos relacionados à Educação Sexual devem ser explorados em sala de aula, cabendo aos professores enfatizar sua relevância no ensino de Biologia.

Diante disso, torna-se essencial ampliar as ações que integram a Educação Sexual às aulas de Biologia, considerando a disciplina como um meio para promover a compreensão científica e a reflexão crítica sobre o tema. Como destaca Figueiró (2020), a abordagem pedagógica da Educação Sexual deve ser acessível e contextualizada, permitindo a desconstrução de paradigmas culturais e sociais. Nesse sentido, surge a seguinte questão: como a Educação Sexual, no contexto das aulas de Biologia, pode contribuir para a Alfabetização Biológica dos estudantes do Ensino Médio, promovendo o conhecimento científico e a desconstrução de preconceitos sociais e culturais?

Assim, esta pesquisa tem como objetivo relatar as possibilidades e desafios do ensino da Educação Sexual no contexto das aulas de Biologia, explorando seu potencial como ferramenta para a Alfabetização Biológica. Por meio de uma sequência didática sobre métodos contraceptivos, buscou-se estimular nos estudantes do Ensino Médio uma compreensão crítica e reflexiva sobre a sexualidade, integrando conhecimentos científicos à desconstrução de estereótipos culturais e sociais. Esse processo não apenas reforça a importância da Educação Sexual no ambiente escolar, mas também destaca seu papel essencial na formação cidadã e no desenvolvimento do pensamento crítico.

2 O ensino da Educação Sexual nas aulas de Biologia

A Biologia é uma disciplina que pode promover o desenvolvimento do pensamento crítico e a reflexão sobre o papel ecológico e coletivo dos indivíduos na sociedade. Segundo Mayr (2005), por ser uma Ciência da Natureza única, a Biologia apresenta uma complexidade em seus termos e conceitos, o que pode dificultar sua compreensão. Por isso, é essencial tornar o ensino dessa disciplina mais acessível, considerando seu valor inestimável para a formação acadêmica e social dos estudantes da Educação Básica.

Nesse sentido, o ensino de Biologia em sala de aula deve contemplar tanto sua importância acadêmica quanto suas finalidades sociais, permitindo que os estudantes compreendam os processos biológicos e sua relação com temas mais amplos. De acordo com Selles e Ferreira (2005), a Biologia deve



estar vinculada aos pensamentos científicos, biológicos e sociais dos estudantes, possibilitando reflexões sobre questões como a sexualidade e a construção do sujeito social.

O ensino da Educação Sexual nas aulas de Biologia pode ampliar o conhecimento sobre corpos, gêneros e sexualidade, preparando os estudantes para compreender a diversidade e promovendo a normalização de diferentes tipos de corpos na sociedade (Ribeiro *et al.*, 2016). A abordagem desse tema nas escolas não apenas articula teoria e prática, mas também estimula a aprendizagem contextualizada, conectando o conhecimento científico à vivência dos estudantes e contribuindo para uma formação crítica e reflexiva.

É importante ressaltar que o conceito de sexualidade é amplo e histórico. Segundo Maia e Ribeiro (2011), a sexualidade humana envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais, manifestando-se de maneira única em cada indivíduo. Sua construção está diretamente relacionada aos contextos sociais nos quais a pessoa está inserida, como família, religião e instituições de ensino. Dessa forma, a Educação Sexual desempenha um papel crucial ao esclarecer e facilitar o entendimento sobre a sexualidade.

Além disso, a sexualidade é vivenciada cotidianamente pelos indivíduos e amplamente influenciada pela mídia. Como destaca Figueiró (2009), a mídia estimula os jovens a conhecerem seus próprios corpos, mas esse processo pode ser distorcido, levando a um conhecimento superficial sobre a sexualidade e sua importância. No entanto, Ribeiro *et al.* (2016) apontam que, quando utilizadas como recurso didático, as mídias podem promover reflexões sobre tabus e questões sexuais, incentivando o pensamento crítico e contribuindo para a compreensão da sexualidade como um processo cultural e social.

Apesar disso, Queiroz Silva (2014) observa que nas aulas de Biologia muitas vezes há um distanciamento e falta de abertura para discussões sobre sexualidade. No ambiente escolar, o corpo costuma ser abordado de forma fragmentada em temas como anatomia, fisiologia e farmacologia, utilizando termos e conceitos biológicos complexos. Esse enfoque pode resultar em um ensino limitado à funcionalidade do corpo, sem promover uma compreensão mais ampla da diversidade corporal, da normalização dos diferentes corpos e da importância do autoconhecimento.

Segundo Louro (2008), a escola é um dos espaços fundamentais para a construção da sexualidade. Portanto, na disciplina de Biologia, temas como reprodução humana, gravidez, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis não devem se restringir apenas aos aspectos biológicos. É essencial que esses conteúdos fomentem discussões mais amplas sobre a sexualidade, auxiliando os estudantes na construção de sua própria identidade e compreensão sobre o tema.

2.1 A relevância da Educação Sexual no currículo escolar brasileiro

A escola, enquanto espaço formal de ensino, deve fundamentar-se na construção e promoção de uma aprendizagem que valorize a formação cidadã dos estudantes. Segundo Linhares *et al.* (2014), além de garantir a assimilação de conhecimentos científicos e educacionais, a escola desempenha um papel essencial no desenvolvimento de princípios e valores sociais. Nesse contexto, a inclusão da Educação



Sexual no currículo escolar se alinha aos objetivos institucionais, contribuindo para o desenvolvimento e construção de valores relacionados à sexualidade humana.

Os primeiros registros da abordagem da Educação Sexual no Brasil são do século XX e mostram que os conceitos eram predominantemente moldados pela moralidade cristã, resultando em uma abordagem repressora e incoerente (Figueiró, 2020). Esse modelo de ensino não permitia que os indivíduos desenvolvessem uma compreensão autônoma da sexualidade, pois impunha normas morais rígidas baseadas em dicotomias de “certo” e “errado”, muitas vezes gerando sentimento de culpa e constrangimento, em vez de proporcionar um ambiente que incentivasse a reflexão e o aprendizado (Figueiró, 2020).

A introdução da Educação Sexual nas escolas também foi impulsionada por necessidades de controle epidemiológico. Segundo Furlani (2008), essa abordagem restringia-se a conceitos biológicos e enfatizava a higiene como estratégia de política populacional e saúde pública, abordando principalmente métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

Nesse período, na Europa e nos Estados Unidos, os movimentos pelos direitos civis e feministas pressionaram as instituições escolares a modernizarem seus ensinamentos, rompendo com a forte influência das ideologias patriarcas impostas pelo governo (Furlani, 2009). No Brasil, a situação era semelhante, com crescente demanda por melhorias no ensino e na forma como a educação era desenvolvida junto aos estudantes.

A necessidade de aprimorar a qualidade da educação no país levou à inclusão da orientação sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998; com isso, a Educação Sexual passou a ter uma abordagem mais abrangente (Brasil, 1998). Além de fornecer informações essenciais sobre saúde e prevenção, esse documento enfatizava a necessidade de promover uma compreensão mais ampla e contextualizada da sexualidade (Altmann, 2001).

Segundo Alencar *et al.* (2008), a adolescência representa um período de transição entre a infância e a vida adulta, marcado por intensas mudanças morfológicas e fisiológicas, incluindo o aumento dos níveis hormonais. Durante essa fase, os jovens passam grande parte do tempo na escola, tornando essencial a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar. Essa abordagem permite que os estudantes compreendam melhor as transformações decorrentes da puberdade e desenvolvam um entendimento dialógico sobre a sexualidade (Furlani, 2009).

No entanto, a Educação Sexual deve ir além da mera transmissão de conceitos biológicos e preventivos. Segundo Quirino e Rocha (2012), essa temática precisa desafiar paradigmas e dogmas sociais, abordando, por exemplo, questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero. Dessa forma, contribui-se para um ensino mais inclusivo e alinhado às realidades contemporâneas.

Para garantir uma Educação Sexual de qualidade, é fundamental que os educadores estejam devidamente qualificados para abordar o tema de maneira sensível e eficaz. Conforme Arroxelas *et al.* (2018), os professores podem utilizar documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Programa Saúde na Escola (PSE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como referência para a mediação do conhecimento. Esses



documentos orientadores possibilitam a implementação de atividades que despertam o interesse dos estudantes, promovendo a Alfabetização Biológica e fortalecendo a relevância da Educação Sexual no ambiente escolar.

2.2 O papel do professor de Biologia no ensino de Educação Sexual nas escolas

A Educação Sexual pode ocorrer em diferentes contextos sociais, como na família e na escola. Segundo Furlanetto *et al.* (2018), no ambiente escolar, essa educação ocorre de maneira formal, sendo a fase escolar um período em que os estudantes começam a conhecer seus corpos e, em muitos casos, iniciam sua vida sexual. Nesse sentido, a escola desempenha um papel fundamental ao orientar, estimular e incentivar os estudantes a buscarem conhecimento sobre sexualidade humana.

De acordo com Gesser *et al.* (2012), as atividades relacionadas à Educação Sexual na escola devem ser conduzidas pelos professores. Por meio dos temas contemporâneos transversais propostos pela BNCC (Brasil, 2018), os docentes podem planejar atividades que esclareçam diretamente os estudantes e os incentivem a refletir sobre a sexualidade humana. Essa abordagem tem como objetivo desmistificar tabus e paradigmas impostos pela sociedade.

O professor de Ciências e Biologia tem um papel essencial no ensino da Educação Sexual, visto que o currículo da disciplina inclui temas como reprodução humana, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Esses conteúdos são fundamentais para promover discussões sobre sexualidade em sala de aula. No entanto, alguns pais demonstram preocupações sobre como esse tema deve ser abordado pelos professores, temendo que possam influenciar os valores dos estudantes ou até mesmo estimular o início precoce da atividade sexual (Figueiró, 2009).

Além disso, os professores de Biologia possuem maior domínio para abordar os temas relacionados à Educação Sexual. No entanto, segundo Arroxelas *et al.* (2018), embora esses profissionais reconheçam a importância do assunto, muitos ainda não se sentem preparados para discuti-lo em sala de aula.

Nesse sentido, é fundamental investir na formação continuada dos professores, garantindo uma abordagem ampla e reflexiva sobre a Educação Sexual. Conforme Gesser *et al.* (2012), os educadores devem superar preconceitos que separam razão e emoção no ensino da sexualidade, mantendo a imparcialidade e evitando a imposição de suas próprias crenças. Para isso, é necessário reavaliar concepções e estratégias pedagógicas, capacitando-se para responder às dúvidas dos estudantes e estimulando o desenvolvimento da Alfabetização Biológica (Krasilchik, 2004).

Além da formação continuada, a formação inicial dos professores também deve incluir metodologias inovadoras para o ensino da Educação Sexual. Segundo Saito e Leal (2000), é essencial que docentes de Ciências, Biologia e demais áreas da Licenciatura sejam capacitados para utilizar estratégias e recursos didáticos que facilitem a compreensão dos variados temas abordados na Educação Sexual. Dessa forma, os estudantes poderão compreender melhor o assunto e reconhecer sua importância na construção



de conhecimento e no desenvolvimento de uma visão crítica sobre as questões relacionadas à Educação Sexual.

3 Metodologia

A presente pesquisa é de natureza básica, com abordagem qualitativa, uma vez que se destina à investigação voltada para a compreensão de significados, percepções, sentimentos, experiências e contextos. Ademais, busca interpretar e explicar fenômenos sociais, culturais ou humanos a partir de informações descritivas. Classifica-se, ainda, como pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência (Gil, 2008).

O Relato de Experiência (RE) caracteriza-se por descrever as vivências do autor. Além disso, Mussi, Flores e Almeida (2021) destacam que o RE visa ampliar o desenvolvimento de futuras intervenções pedagógicas, proporcionando aos leitores uma reflexão crítica. Esse tipo de escrita deve possuir um caráter dialógico, descritivo e crítico, contribuindo para a troca de saberes e práticas. Desta forma, essa abordagem permitiu uma análise detalhada e sistemática do RE descrita ao longo do texto.

Diante disso, este trabalho detalha a experiência vivenciada por uma estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade federal do nordeste brasileiro, durante uma atividade realizada em uma escola estadual de referência no Ensino Médio, localizada na região metropolitana de Recife-PE.

A atividade ocorreu no segundo semestre de 2024, durante dois momentos. No primeiro momento, foi feita a elaboração de uma caixa denominada “Caixa da Educação Sexual”, e no segundo momento ocorreu a aplicação da sequência didática por meio de quatro aulas de 50 minutos com estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. A coleta de dados foi realizada por meio da observação e da escrita de um diário de formação, no qual foi documentado as informações obtidas durante uma sequência didática sobre métodos contraceptivos. Para a análise dos resultados apresentados neste Relato de Experiência, utilizou-se o diário de formação contendo os registros da sequência didática. Os resultados foram organizados seguindo os procedimentos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), por meio de duas categorias: (1) planejamento da aula e (2) aplicação da sequência didática.

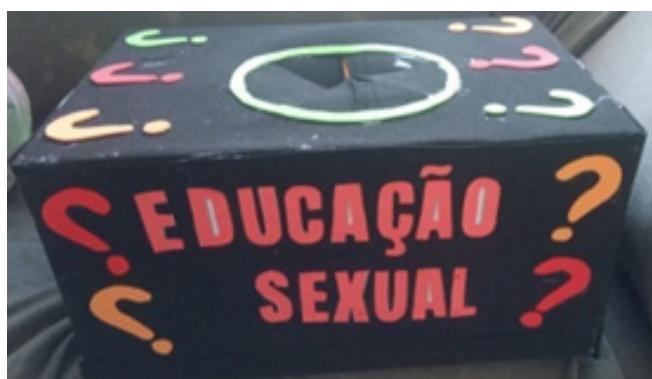
4 Resultado e discussão

4.1 Planejamento da aula

A elaboração da sequência didática foi baseada em um diagnóstico prévio dos conhecimentos e dúvidas dos estudantes sobre Educação Sexual. Para isso, foi disponibilizada na sala de aula de uma turma do terceiro ano do Ensino Médio, durante duas semanas, uma caixa intitulada “Caixa da Educação Sexual” (Figura 1), na qual os estudantes puderam depositar, de forma anônima, seus conhecimentos prévios sobre o tema. Desta forma, Bizzo (2008), discorre sobre a importância de se considerar os conhecimentos

empíricos dos estudantes e associá-los aos conhecimentos científicos, permitindo entender a prática cotidiana como objeto de pesquisa. Logo, por meio da “Caixa da Educação Sexual”, um contato com os conhecimentos prévios dos estudantes foi possível, possibilitando trilhar caminhos que facilitassem a compreensão dos discentes sobre a Educação Sexual.

Figura 1 - Caixa da Educação Sexual.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2024.

Com base nas questões levantadas, foi possível analisar que existiam muitas dúvidas sobre diferentes temas relacionados à Educação Sexual, ressaltando a importância de se falar dessa temática na sala de aula. Como destacam Castro *et al.* (2022) e Jesus, Justino e Mota (2024), existe uma necessidade de promover atividades que despertam o conhecimento sobre a Educação Sexual. Desta maneira, a sequência didática foi planejada, tendo como foco os *métodos contraceptivos*, já que dentre as 16 dúvidas presentes na “Caixa da Educação Sexual”, esta foi a temática que obteve maior quantitativo de dúvidas, o que parece indicar ser o tema de maior interesse entre os estudantes. A partir das dúvidas, foi feito o Quadro 1 a seguir, onde podemos esquematizar e analisar a ordem dos temas recorrentes na “Caixa da Educação Sexual”.

Quadro 1 - Ordem dos assuntos recorrentes na “Caixa da Educação Sexual”

Temas relacionados à Educação Sexual	Dúvidas dos estudantes ³
Métodos contraceptivos	<ul style="list-style-type: none">• Qual é o melhor método contraceptivo?• Quais são os principais métodos contraceptivos?• O método contraceptivo injetável é 100% de certeza de não engravidar?• Tomar injeção desde os 15 anos sem prescrição médica, pode me fazer mal? Quais são os riscos?• Qual anticoncepcional é melhor: mensal ou trimensal ?• Se parar de tomar injeção com quanto tempo posso engravidar?

³ Preferiu-se aqui, em respeito aos estudantes, transcrever as perguntas da mesma forma como eles escreveram, com seus desvios ortográficos e/ou gramaticais.



Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)	<ul style="list-style-type: none">• Gostaria de saber mais sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).• Quais são as principais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)?• O que é aquele corrimento branco nas calcinhas das meninas? Mesmo nunca tendo feito relações sexuais?• Minha dúvida é como fazer sexo sem engravidar?
Gravidez na adolescência	<ul style="list-style-type: none">• Qual o risco de engravidar na adolescência?• Queria saber mais sobre a gravidez na adolescência?
Outros temas	<ul style="list-style-type: none">• Quaria saber mais sobre o sexo.• Fazer amor todo dia é bom pra saúde?• Fazer sexo todo dia é bom pra saúde ?• É normal durar 1 ou 2 horas praticando sexo?

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

A sequência didática sobre os métodos contraceptivos foi estruturada com base nos três momentos pedagógicos propostos por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002): a *Problematização*, que teve por objetivo introduzir o tema dos métodos contraceptivos, avaliando o conhecimento prévio dos estudantes e despertando seu interesse; a *Organização do Conhecimento*, em que houve a teorização sobre os diferentes métodos contraceptivos, os quais foram explorados por meio de uma aula expositivo-dialogada sobre os diferentes métodos contraceptivos, suas bases biológicas, eficácia, vantagens e desvantagens, com vistas a promover a Alfabetização Biológica e uma visão crítica sobre o tema; e, por fim, a *Aplicação do Conhecimento*, em que ocorreu a prática e reflexão sobre a utilização desses métodos e o envolvendo as questões sociais.

Dessa forma, buscou-se promover a integração entre o conhecimento empírico dos discentes e o conhecimento científico. A sequência didática sobre métodos contraceptivos, alinhada à proposta de Zabala (2015), destacou a importância de utilizar diversos recursos pedagógicos para facilitar a compreensão dos estudantes. A sequência didática sobre a Educação Sexual serviu como base para a coleta de dados, permitindo analisar as possibilidades e os desafios do ensino de Educação Sexual nas aulas de Biologia.

4.2 Aplicação da sequência

No primeiro momento, intitulado *Problematização*, foi desenvolvida uma atividade com o título “Mitos ou Verdades sobre os Métodos contraceptivos”. A turma foi organizada em um grande círculo, onde cada estudante recebeu uma folha com as palavras “mito” de um lado e “verdade” do outro. Durante 30 segundos, um recipiente com perguntas relacionadas a métodos contraceptivos era passado de estudante para estudante e assim que o tempo acabava, o discente com o recipiente deveria ler em voz alta a pergunta sorteada. Em seguida, os demais estudantes deveriam elevar suas folhas para indicar se acreditavam se a afirmação era um “mito” ou uma “verdade” (cf. Figura 2).

Durante esta atividade, percebemos que ainda havia uma falta de conhecimento científico sobre os métodos contraceptivos, uma vez que a maioria dos estudantes respondeu “Mito” às afirmações de que “a pílula do dia seguinte só pode ser usada duas vezes ao ano” e de que “a mulher pode engravidar mesmo tendo feito a laqueadura”. Segundo Furlani (2009), a temática da Educação Sexual deve estar relacionada também às questões de igualdade de gênero, pois as questões reprodutivas dos homens frequentemente são negligenciadas, enquanto que as da mulher, na sociedade, são atribuída à responsabilidade pelo controle da natalidade, muitas vezes por meio de métodos como a pílula do dia seguinte.

No entanto, o uso contínuo desse método é pouco compreendido e suas possíveis consequências podem afetar a saúde feminina. Além disso, pela falta de conhecimento da taxa de eficácia da laqueadura, muitos atribuem sua eficácia pelo fato de ser uma cirurgia invasiva, embora seja importante ressaltar que todo método possui uma certa taxa de erro, podendo resultar em gravidez. Desta forma, tornam-se necessárias as discussões sobre esses temas nas aulas de Biologia para que se questione, discuta e rompa paradigmas relacionados às questões de igualdade gênero.

Figura 2 – Atividade “Mitos e verdades sobre os métodos contraceptivos”.



Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2024.

No segundo momento pedagógico, a *Organização do Conhecimento*, foi ministrada uma aula expositivo-dialogada por meio de *slides* sobre os métodos contraceptivos, destacando os principais métodos e seus tipos, como, por exemplo, os métodos hormonais, de barreira, permanentes e de urgência, além da utilização de vídeos ilustrativos retirados da plataforma *Youtube*. De acordo com Ribeiro *et al.* (2016), as mídias desempenham um papel crucial como recurso ilustrativo no ensino da Educação Sexual em sala de aula. Desta maneira, analisamos que por meio de vídeos e *slides*, foi possível proporcionar aos estudantes uma melhor compreensão sobre os métodos contraceptivos — temas considerados de difícil acesso e pouco envolventes em livros didáticos —, pois se tornaram mais visíveis e acessíveis graças ao uso de imagens e vídeos disponíveis nos *slides*.

Durante o terceiro momento pedagógico, a *Aplicação do Conhecimento*, os discentes foram divididos em seis grupos, os quais ficaram responsáveis por pesquisar e apresentar os métodos contraceptivos



mais populares, como a pílula, os injetáveis, o Diu de cobre e o Diu Hormonal, o Implanon (implante contraceptivo subdérmico) e os adesivos transdérmicos. Nessa apresentação, os discentes teriam que destacar a eficácia do método, o funcionamento biológico, as vantagens e desvantagens e, por fim, seus impactos sociais. Desta forma, Gesser *et al.* (2012) e Vieira e Matsukura (2017) destacam que o ensino de métodos contraceptivos e demais temas relacionados à Educação Sexual não deve se limitar a uma abordagem meramente clássica, pautada no enfoque biológico-higienista apresentado nos livros didáticos, o que é fundamental para que essa educação também considere o contexto social.

Assim, por meio da pesquisa e das apresentações realizadas pelos estudantes, foi possível abordar os métodos contraceptivos não apenas com o objetivo educativo e de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez, mas também promover mudanças sociais e culturais sobre os impactos desses métodos na sociedade.

Como resultado da avaliação da sequência didática, os estudantes elaboraram individualmente um texto dissertativo abordando a temática dos métodos contraceptivos e suas interseções com questões sociais e culturais. Conforme aponta Furlani (2008), a Educação Sexual deve estar vinculada ao contexto político e social. Nesse sentido, na avaliação foi possível identificarmos abordagem de aspectos relevantes nos textos, como, por exemplo, a relação entre o alto custo de alguns métodos contraceptivos e a desigualdade social e econômica, destacando a importância de se discutir o acesso equitativo a esses recursos.

Ademais, foi possível analisar que os textos também destacaram o machismo estrutural relacionado aos métodos contraceptivos, conforme apontado por Furlani (2008). Os discentes enfatizaram que a maioria dos métodos disponíveis e oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) é direcionado ao público feminino, enquanto há pouco incentivo para campanhas que promovam a realização de vasectomias ou o desenvolvimento e disponibilização de pílulas contraceptivas masculinas.

Desta forma, como afirmam Jesus, Justino e Mota (2024), por meio de atividades planejadas e intencionadas na sala de aula, é possível uma compreensão mais ampla sobre a sexualidade. Assim, por meio da atividade de pesquisa e escrita, observamos que os discentes começaram a desenvolver um senso crítico e reflexivo sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis, visto que a escrita do texto demonstrou domínio não só sobre os conceitos biológicos, mas também mudança de perspectiva social, como o machismo estrutural, além da desigualdade social e a inacessibilidade a alguns métodos contraceptivos (como o Implanon) para a população de baixa renda.

5 Considerações finais

As atividades realizadas possibilitaram o desenvolvimento de um olhar mais amplo e crítico sobre como ensinar temas relacionados à Educação Sexual nas aulas de Biologia na Educação Básica. Isso reforça a necessidade de se desprender de abordagens tradicionais e ressignificar o ensino da Educação Sexual nesse contexto. Por meio da pesquisa, foi possível quebrar paradigmas e contribuir para a minha formação enquanto futura docente de Biologia.



Durante a atividade, observou-se a importância da formação inicial e continuada dos professores de Biologia para o ensino da Educação Sexual. A experiência evidenciou que, ao serem expostos aos temas abordados, os estudantes puderam compreender termos e conceitos relacionados aos métodos contraceptivos, além de assimilar a relevância biológica e social do estudo da Educação Sexual.

Entretanto, o ensino da Educação Sexual ainda enfrenta muitos desafios. Por se tratar de um tema considerado polêmico, há dificuldades em abordá-lo na sala de aula. A falta de investimento na formação inicial e continuada dos profissionais da Educação Básica resulta em um cenário de despreparo desses docentes. Como consequência, a temática acaba sendo tratada apenas de maneira científica, desconsiderando sua importância social e cultural.

Apesar desses desafios, a pesquisa demonstrou ser eficaz na desmistificação e ressignificação do ensino da Educação Sexual. Os estudantes não apenas compreenderam os conceitos associados aos métodos contraceptivos, mas também estabeleceram conexões com questões sociais e culturais. Esse processo promoveu o desenvolvimento de um senso crítico e reflexivo, contribuindo para a construção da Alfabetização Biológica. Além disso, evidenciou a utilidade da disciplina de Biologia, que, ao extrapolar os conhecimentos acadêmicos, passou a abranger também o contexto social e cultural dos estudantes.

Referências

ALENCAR, Rúbia de Aguiar *et al.* Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, p. 159-168, 2008.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 575-585, 2001.

ARROXELAS, Carlos Antônio de *et al.* Sexualidade, diálogo e extensão universitária: ações em promoção à saúde. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v. 8, n. 1, p. 18-30, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo.

BIZZO, Nélio. **Ciências: fácil ou difícil?** 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO *et al.* Sexualidade no âmbito escolar: ações lúdicas no processo de educação sexual. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v. 12, n. 3, p. 176-190, 2022.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Educação**



sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, p. 141-172, 2009a.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A educação sexual presente nos relacionamentos cotidianos.

Educação Sexual: em busca de mudanças. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, p. 63- 104, 2009b.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual:** retomando uma proposta, um desafio. Eduel, 2020.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, v. 26, n. 01, p. 283- 317, 2008.

FURLANI, Jimena. **Encarar o desafio da educação sexual na escola.** Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba, p. 37-49, 2009.

GESSER, Marivete *et al.* Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, p. 229-236, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008

KRASILCHIK, Myriam. **Prática de ensino de biologia.** São Paulo: Edusp, 2004.

LINHARES, Paulo Cássio Alves *et al.* A importância da escola, aluno, estágio supervisionado e todo o processo educacional na formação inicial do professor. **Revista Terceiro Incluído**, v. 4, n. 2, p. 115-127, 2014.

JESUS, Thayane Karolyne Santos de; JUSTINO, Gilberto Costa; MOTA, Maria Danielle Araújo. Prevenção em cartaz: Sequência de Ensino Por Investigação como meio para prevenção a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Educação, Ciência e Cultura**, v. 29, n. 3, p. e11482- e11482, 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pro-posições, v. 19, p. 17-23, 2008.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia:** histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo, SP: Cortez. 2009.

MAYR, Ernst. **Biologia, ciência única.** Editora Companhia das Letras, 2005.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis**



Educacional, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

QUEIROZ SILVA, de Elenita Pinheiro. Corpo e sexualidade: experiências em salas de aula de ciências. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 2, p. 138-152, 2014.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, p. 205-224, 2012.

RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* O ensino de biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. **Biografía**, v. 9, n. 16, p. 77.86-77.86, 2016.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. **Educação sexual na escola**. Pediatria, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SASSERON, Lúcia Helena; DE CARVALHO, Ana Maria Pessoa. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em ensino de ciências**, v. 13, n. 3, p. 333-352, 2008.

SELLS, Sandra Escovedo; FERREIRA, Márcia Serra. Disciplina escolar Biologia: entre a retórica unificadora e as questões sociais. **Ensino de Biologia**: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: EDUFF, p. 50-62, 2005.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Penso Editora, 2015.